

Artigos

O sertão-mundo de Guimarães Rosa
Maria Célia Leonel & José Antonio Segatto

Sexualidade e Gênero — As metáforas do biopoder
Rosana Ribeiro Patricio

Arte autoetnográfica
Heidrun Krieger Olinto

As filhas de Pandora –
as mulheres, o tempo e a cultura
Ivía Alves

O comparatista Cláudio Veiga
Cid Seixas

Critérios para Publicação

Resenhas

O sertão-mundo de Guimarães Rosa

Maria Célia Leonel (UNESP)
José Antonio Segatto (UNESP)

A noção de regionalismo, introduzida no século XIX para caracterizar a literatura produzida fora do Rio de Janeiro, nas províncias - e tendo por objeto a descrição de locais remotos, interioranos, especialmente de áreas rurais, sobretudo o sertão, e seus respectivos tipos, relações sociais e humanas, paisagens, linguagens, identidades, imaginário - sobreviveu ao tempo. Conceito abrangente, passou a englobar autores e obras os mais diversos, de diferentes regiões e períodos históricos, o que levou ao nivelamento de obras de valor estético-literário díspar. Baseando-se num critério genérico e tradicional de regionalismo, alguns críticos colocaram num mesmo patamar estético-literário autores que vão de Franklin Távora a José Lins do Rego, de Simões Lopes Neto a Graciliano Ramos, de Afonso Arinos a João Guimarães Rosa. Como a produção rosiana também passou a receber o rótulo de regionalista, Antonio Candido, entre outros estudiosos dessa obra, tratou de diferenciá-la, lançando mão da noção de super-regionalismo e Alfredo Bosi, da noção de romance de tensão transfigurada. Não obstante a existência de muitos estudos sobre essa temática, é válida, cremos, a retomada da reflexão sobre a consideração da obra de Guimarães Rosa como regionalista.

1 A LITERATURA REGIONALISTA

A literatura denominada regionalista ocupou-se em descrever, principalmente, o mundo sertanejo, documentando e buscando representar “[...] tipos humanos, paisagens e costumes considerados tipicamente brasileiros.” (CANDIDO, 2002, p.87).

O regionalismo que germina no Romantismo envolve autores, obras e regiões bem diversificadas: Bernardo Guimarães, Afonso E. de Taunay, José de Alencar, Franklin Távora, Caldre e Fião. “Os tipos humanos das diferentes regiões e províncias, a cor local, a notaçãõ pitoresca concentram a prosa desses autores” (GALVÃO, 2000, p. 48). Entre 1890 e 1920, aproximadamente, floresce a vertente denominada de “sertanista”, que também envolve autores e obras díspares, qualitativamente muito desiguais (Afonso Arinos, Valdomiro Silveira, Coelho Neto, Monteiro Lobato), e tem em comum a idealização do sertão e a representação geralmente caricatural de tipos humanos e a descrição das relações sociais coisificadas.

Outro surto regionalista apontado pela crítica é a produção romanesca dos anos 30, principalmente do nordeste, com as obras de José Américo de Almeida, Raquel de Queiroz, José Lins do Rego, Graciliano Ramos e Jorge Amado. Manifestar-se-ia também na ficção de Érico Veríssimo no sul e teria chegado ao auge com Guimarães Rosa nos anos 40 e 50. Essa fase do regionalismo teria como elemento diferenciador, para muitos, o fato de expor a miséria humana da população sertaneja e as mazelas das relações sociais e de poder.

Como explicar o surgimento e a sobrevida histórica dessas manifestações? Uma hipótese plausível é a de um estado nacional inconcluso - cuja unidade territorial e política foi imposta de cima, arbitrariamente, pela coação - e altamente centralizado no centro-sul. Com poucos elementos identitários, temos a existência de regiões com realidades sócio-econômicas e culturais muito diferenciadas – um desenvolvimento desigual e combinado, chegando mesmo, em muitos casos, a extremos, entre Províncias (Império) e entre Estados (República), dando origem a “vários brasis”.

Alguns críticos, como Antonio Candido (1987, p. 202), caracterizam esse fenômeno como constituindo “literaturas nacionais atrofiadas”. Outros, como Afrânio Coutinho (1955, p. 149), definem o regionalismo como “[...] um conjunto de retalhos que arma o todo nacional”, isto é, um conjunto de obras que, justapostas, formariam uma espécie de “mosaico literário”, representando as especificidades locais - a unidade na diversidade.

Ligia Chiapini M. Leite (1994, p. 672) analisa o fenômeno do regionalismo como “movimento compensatório em relação ao novo”. Teria, nesse sentido, um caráter “regressivo” ao procurar, documentariamente, através da literatura, os resíduos de um passado que vinha sendo progressivamente destruído ou transformado pelo desenvolvimento capitalista. A mercantilização das relações sociais, o desencantamento e a racionalização, a implantação de novas formas de sociabilidade e dominação política condenavam aquele mundo à extinção.

Se, por um lado, a literatura regionalista é de fato um fenômeno histórico-cultural concreto, por outro, é também vista como uma construção de cunho programático e ideológico, perpassada por concepções as mais diversas, como, entre outras, o localismo, o nacionalismo, o provincianismo e o cosmopolitismo. O problema, como foi dito, é a homogeneização de obras e autores com valores e qualidades estético-literárias muito distintas, a qual leva à questão: toda obra literária produzida fora do Rio de Janeiro no século XIX ou do eixo Rio-São Paulo no século XX e tendo como objeto narrativo o mundo rural deve ser classificada como regionalista? É essa questão que, entendemos, deve ser revista, o que já vem sendo feito por alguns críticos, pois a dificuldade para se considerar o que seja literatura regionalista continua sendo grande.

Daí as diferentes propostas de nossos críticos para darem conta desse tipo de literatura. Antonio Candido (1987), no conhecido texto de 1970 denominado “Literatura e subdesenvolvimento” sobre a América Latina, retomando o regionalismo afirma que, no Brasil, esse domínio da criação literária, tendo surgido com o Romantismo, inicialmente, “[...] nunca produziu obras consideradas de primeiro plano, mesmo pelos contemporâneos, tendo sido tendência secundária quando não francamente subliterária [...]” (CANDIDO, 1987, p. 161). Por volta de 1930, tais tendências regionalistas “[...] já sublimadas e como transfiguradas pelo realismo social, atingiram o nível das obras significativas [...]” (p. 161) e conformaram a segunda fase do regionalismo. A terceira fase seria chamada de “*super-regionalista*” (CANDIDO, 1987, p. 161, grifo do autor) e é marcada pela “explosão do tipo de naturalismo” que aqui triunfava. Nessa fase, encaixa-se a obra “revolucionária de Guimarães Rosa”. Decompondo-se o termo *super-regionalista* que Antonio Candido afirma ter usado pensando em surrealismo ou super-realismo, de um lado, sobressai o vínculo com o regionalismo; de outro, a noção de superioridade que indica a superação do regional, em obras marcadas “[...] pelo refinamento técnico, graças ao qual as regiões se trans-

figuram e os seus contornos humanos se subvertem, levando os traços antes pitorescos a se descarnarem e adquirirem universalidade.” (CANDIDO, 1987, p. 161).

Alfredo Bosi (1995, p. 390), na conhecida hipótese de trabalho sobre a ficção que se inicia em 30 e vai até o ano em que escreve, ou seja, 1970 – por coincidência no mesmo momento em que Antonio Candido fala de super-regionalismo – praticamente descarta a classificação de determinadas obras como regionalistas. A precariedade da divisão em romance social-regional e psicológico-urbano, que não dá conta de “obras-primas como *São Bernardo* e *Fogo morto*”, enseja-lhe a sugestão de uma classificação baseada em *Pour une sociologie du roman* de Lucien Goldmann, por sua vez, apoiado em Georgy Lukács e René Girard. Tomando como princípio “a figura do ‘herói problemático’ em tensão com as estruturas ‘degradadas’ vigentes” (BOSI, 1995, p. 391), o estudioso propõe a distribuição do romance brasileiro em quatro tendências: os de tensão mínima, os de tensão crítica, os de tensão interiorizada e os de tensão transfigurada. Na quarta categoria – a da tensão transfigurada – em que “O herói procura ultrapassar o conflito que o constitui existencialmente pela transmutação mítica ou metafísica da realidade”, incluem-se as obras de Guimarães Rosa. Na verdade, a noção que preside essa classificação não se afasta muito da ideia que levou Antonio Candido a propor o termo super-regionalismo.

2 O SERTÃO ROSIANO

Já o sertão como objeto de representação literária adquiriu, ao longo do tempo – em especial, desde a segunda metade do século XIX – tratamento constante e privilegiado na literatura brasileira. São muitos os romances, contos e novelas que configuram as relações sociais que no sertão se estabeleceram historicamente. De José de Alencar (*O sertanejo* de 1875) a Raquel de Queiroz (*Memorial de Maria Moura* de 1992); de Afonso Arinos (*Os jagunços* de 1898) a Mário Palmério (*Vila dos Confins* de 1956); de Hugo de Carvalho Ramos (*Tropas e boiadas* de 1917) a Bernardo Elis (*O tronco* de 1956); de Graciliano Ramos (*Vidas secas* de 1938) a João Cabral de Melo Neto (*Morte e vida severina* de 1956), é grande a lista de obras com essa temática. Mas é com Guimarães Rosa (*Grande sertão: veredas* de 1956) que a realidade sertaneja encontra a grande síntese épico-dramática.

A caracterização corrente de sertão é a de uma área despovoada ou escassamente habitada, interior ermo, “sem viva alma”, nos confins, como escreve Guimarães

Rosa (1978, p. 9), “onde se pode torar dez, quinze léguas, sem topar com casa de morador”.

Espaço de difícil delimitação, sem contornos e fronteiras nítidas, o “[...] sertão aceita todos os nomes: aqui é o Gerais, lá é o Chapadão, lá acolá é a caatinga.” (ROSA, 1978, 370). Com o passar do tempo, o sertão vai se deslocando – desde as entradas e bandeiras em busca de ouro e pedras preciosas e/ou visando o apresamento de indígenas, passando pela ocupação pecuária, até as sucessivas “expedições” e “marchas” para o oeste, o traçado do sertão foi mudando de lugar, sendo empurrado para dentro. “A boca do sertão” foi afastada e deslocada para o oeste e para o norte pela fronteira agrícola, pela urbanização e pelas relações mercantis. De fato, o sertão, como afirma Guimarães Rosa (1978, p. 391), “está movimentante todo-tempo”. Ou seja, nesse espaço, há uma nítida “mistura de tempos e níveis de realidade histórica”, com “*temporalidades igualmente distintas, mas coexistindo mescladas no sertão que é o mundo misturado*” (ARRIGUCCI, 1994, 17; grifo do autor). Assim sendo, “Não é à toa que esse é o lugar do atraso e do progresso imbricados, do arcaico e do moderno enredados, onde o movimento do tempo e das mudanças históricas compõe as mais peculiares combinações.” (Id., ib.).

A persistência histórica de elementos extemporâneos ou mesmo que parecem antediluvianos expressa uma realidade em que relações sociais não-capitalistas ainda continuam a vigorar, em que os produtos, as “coisas”, a mão-de-obra não se transformaram por completo em mercadoria, ou seja, as relações não foram plenamente mercantilizadas. Quando Guimarães Rosa (1978, p. 9), por meio de seu narrador-personagem, diz que o sertão “é onde os pastos carecem de fecho”, pode estar não só lhe dando entre outros o atributo de amplitude, mas também o significado de inexistência da cerca, do arame farpado, da delimitação da propriedade privada.

Dessa forma, o universo do grande sertão de Guimarães Rosa expressa um complexo de elementos fundamentais que vigem nas relações humanas e sociais do país e as perpassam historicamente. Embora seu objeto de representação seja um espaço/ambiente determinado, o do sertão, o autor (re)cria ou inventa uma realidade mais ampla, rica em significados sociais, políticos, culturais, que ele nomeia “sistema-jagunço” (ROSA, 1978, p. 391).

Esse sistema envolve um conjunto de relações de dominação regidas pela violência ou pela coação, pelo clientelismo e pelo favor, pela preponderância do poder privado sobre o público, pela supremacia da tradição sobre a instituição.

Tal regime, recriado no grande sertão de Guimarães Rosa, constituiu-se ao longo dos séculos que se seguiram à colonização, baseado no conjunto de micropoderes de potentes locais, fundados na propriedade latifundiária, nas oligarquias rurais e regionais, no patriarcalismo, no clientelismo, no patrimonialismo, na ausência do poder estatal, no mandonismo e na violência. Assim Riobaldo explicita o “sistema jagunço”:

– Ah, a vida vera é outra, do cidadão do sertão. Política! Tudo política, e potentes chefias. A pena, que aqui já é terra avinda concorde, roncice de paz, e sou homem particular. Mas, adiante, por aí arriba, ainda fazendeiro graúdo se reina mandador – todos donos de agregados valentes, turmas de cabras do trabuco e na carabina escopetada! (ROSA, 1978, p. 87).

Quando Riobaldo afirma que o “sertão está em toda parte” (ROSA, 1978, p. 9), quer dizer que suas dimensões sociopolíticas e culturais extrapolam muito seus limites. As margens móveis e pouco nítidas que se estendem para muito além das fronteiras físicas, possibilitam reiterar, com Guimarães Rosa, que o sertão está em todo lugar, numa dimensão ampliada.

Se, por um lado, os indícios contidos em várias passagens de *Grande sertão: veredas* apontam que a narrativa rosiana abarca, de maneira aproximada, o período da vida brasileira que vai de 1880 a 1930, por outro, é lícito afirmar que o autor, por meio da inventividade artística, indica algumas tendências históricas que viriam a ganhar configuração mais nítida na realidade do país pós-1930. A partir daí, acentua-se o processo de desenvolvimento das forças produtivas nacionais e das relações capitalistas de produção; amplia-se o mercado interno e dissemina-se a mercantilização em todos os níveis; passa a haver a predominância da cidade sobre o campo, da indústria sobre a agricultura; a população urbana sobrepuja a rural, ocorrendo um deslocamento de amplos contingentes para as grandes metrópoles. Ocorrem então transformações que criam condições propícias à ocupação e/ou anexação do sertão ao Estado nacional.

O sertão é progressivamente incorporado e, ao mesmo tempo, invadido pela modernidade – migra para as cidades, urbaniza-se; é integrado pelo capitalismo e pela nação.

É possível, portanto, afirmar com Riobaldo (ROSA, 1978, p. 218): “Sertão é isto: o senhor empurra para trás, mas de repente ele volta a rodear o senhor dos lados. Sertão é quando o menos se espera.”

3 O PARTICULAR E O UNIVERSAL EM *GRANDE SERTÃO: VEREDAS*

Em *Grande sertão: veredas*, as relações entre o regional e o universal são altamente complexas pela profundidade com que tais categorias são tratadas e pelo entrelaçamento entre elas. Ademais, no romance avulta a presença visível do mito.

A crítica tem-se debruçado sobre as dimensões do particular, do regional e do universal em *Grande sertão: veredas*, mais do que em relação a outros livros rosianos, como era de se esperar. Nos estudos sobre essa questão, a primazia cabe a Antonio Candido não apenas porque trata da relação entre essas categorias no ensaio seminal “O homem dos avessos” (1971), mas porque o faz de modo a criar uma corrente crítica derivada das posições que assume, ainda que enfatizando apenas parte de suas proposições.

Em 1956, na resenha “Grande sertão: veredas”, inicialmente publicada no Suplemento Literário d’*O Estado de São Paulo* - republicada com o título de “No Grande sertão” (2002, p. 190) - Antonio Candido ressalta a universalidade da obra: “[Grande sertão: veredas] Não segue modelos, não tem precedentes; nem mesmo, talvez, nos livros anteriores do autor, que, embora de alta qualidade, não apresentam a sua característica fundamental: transcendência do regional (cuja riqueza peculiar se mantém todavia intacta) [...]”

Para enfatizar esse ponto fundamental do romance - o universalismo -, o crítico praticamente desdiz o que havia escrito sobre *Sagarana* em resenha em que salienta o universalismo dos contos publicados em 1946. Nessa resenha, publicada no mesmo ano do lançamento do livro, o ensaísta (CANDIDO, 1983, p. 245) sustenta que o universal, nos contos, deve-se ao “alcance” e à “coesão da fatura”.

Em *Grande sertão: veredas*, ele surge “[...] graças à incorporação em valores universais de humanidade e tensão criadora.” (CANDIDO, 2002, p. 190); além disso, há, no romance, a presença “do pitoresco regional à preocupação moral e metafísica.” (p. 191). Contudo, a seu ver, ao trazer para o contexto erudito componentes do homem do sertão, Guimarães Rosa obtém “[...] *montagens*, não a integração necessária ao pleno efeito da obra de arte.” (CANDIDO, p. 191; grifo do autor) Todavia, na mesma página, o estudioso escreve que, como em composições musicais, há temas que são desenvolvidos, retomados e que constituem “[...] o verdadeiro fio condutor de tudo o que se expõe no plano da ação e da descrição, *de modo a resultar na integridade quase obsessiva das diretrizes essenciais.*” (p.191, grifo nosso) Assim, com as atividades de “anotação

e construção” (p. 191; grifo do autor) *Grande sertão: veredas* lembra compositores que enxertaram ritmos e melodias populares em obras requintadas. A nossa pesquisa junto ao Arquivo Guimarães Rosa acerca dos processos de criação do autor, faz-nos atribuir à palavra “anotação” mais um sentido em que, talvez, Antonio Candido não tivesse pensado: as anotações para a redação das narrativas que têm relações claras com o espaço regional. Já a ideia de que *Grande sertão: veredas* incorpora elementos populares a uma composição sofisticada lembra a proposição de Gilda de Melo e Souza em *O tupi e o alaúde* (1979) a propósito de *Macunaíma*.

De todo modo, *Grande sertão: veredas* é “desses raros momentos em que a nossa realidade particular brasileira se transforma em substância universal.” (CANDIDO, 2002, p.192) pois, nele, Guimarães Rosa elabora esteticamente questões universais que ocupam e afligem o ser humano, indo de temas como o amor e o ciúme, a opressão, a violência às indagações, nas ações humanas, dos limites entre o bem e o mal, o certo e o errado, o justo e o injusto. Por isso, Antonio Candido (1987, p. 207), tratando de Guimarães Rosa em “A nova narrativa”, assegura que suas obras “tomavam por dentro uma tendência tão perigosa quanto inevitável, o regionalismo, e procediam à sua explosão transfiguradora”. Se Machado de Assis mostrou a possibilidade de construção de uma grande literatura sem apego ao pitoresco a ao exótico, Guimarães Rosa entra “[...] de armas e bagagens pelo pitoresco regional mais completo e meticuloso, e assim conseguindo anulá-lo como particularidade, para transformá-lo em valor de todos.” Isso quer dizer que o escritor mineiro “[...] aceitou o desafio e fez dela [particularidade] matéria, não de regionalismo, mas de ficção pluridimensional, acima do seu ponto de partida contingente.” (CANDIDO, 1987, p. 207) É assim que Guimarães Rosa demonstra a possibilidade de “instaurar a modernidade da escrita dentro da maior fidelidade à tradição da língua e à matriz da região.” (p. 207)

Pelo exposto, vê-se que a obra rosiana, principalmente *Grande sertão: veredas*, supera a tradição literária do regionalismo, muitas vezes marcada pelo naturalismo ou pela caricatura, que é baseada na observação (empírica e documental) e que resulta na descrição de personagens, atos e espaços que, como cópia fotográfica, parecem estáticos e até mesmo, natureza morta. No escritor mineiro, o mundo do sertão não é visto de fora e de longe, tampouco, como objeto inanimado, como realidade fugaz e epidérmica. Ele é recriado e representado artisticamente como um complexo de relações sociais, de dramas humanos, de elementos do imaginário. A ação e a reação das personagens diante de situações criadas, cujos destinos e perspectivas inserem-se em

realidades socialmente determinadas, abarcam componentes de universalidade, expressos em indivíduos singulares, vivenciando situações particulares. Nesse movimento de criação e representação, o sertão passa a ser o mundo.



REFERÊNCIAS

- ARRIGUCCI Júnior, D. O mundo misturado: romance e experiência em Guimarães Rosa. *Novos Estudos CEBRAP*, São Paulo, n. 40, p. 7-29, nov. 1994.
- BOSI, A. *História concisa da literatura brasileira*. 32 ed. São Paulo: Cultrix, 1995.
- CANDIDO, A. A nova narrativa. In: _____. *A educação pela noite e outros ensaios*. São Paulo: Ática, 1987. p. 199-215.
- CANDIDO, A. Literatura e subdesenvolvimento. In: _____. *A educação pela noite e outros ensaios*. São Paulo: Ática, 1987. p. 140-162.
- CANDIDO, A. No grande sertão. In: _____. *Textos de intervenção*. São Paulo: Duas cidades/34, 2002. p. 190-192.
- CANDIDO, A. O homem dos avessos. In: _____. *Tese e antítese*. 2.ed. São Paulo: Nacional, 1971. p. 119-139.
- CANDIDO, A. Sagarana. In: COUTINHO, E. (Org.). *Guimarães Rosa*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira/Brasília: INL, 1983. p. 243-247.
- COUTINHO, A. O regionalismo na prosa de ficção. In: _____. (Org.) *A literatura no Brasil*. Rio de Janeiro: Sul Americana, 1955. v. 2, p. 145-151.
- GALVÃO, W. N. Anotações à margem do regionalismo. *Literatura e Sociedade*, São Paulo, Departamento de Teoria literária e Literatura Comparada/FFLCH-USP, n. 5, p. 44-55, 2000.
- SOUZA, G. de M. e. *O tupi e o alaúde*. São Paulo: Duas Cidades, 1979.
- LEITE, L. C. M. Velha praga? Regionalismo literário brasileiro. In: PIZARRO, A. (Org.). *América latina: palavra, literatura e cultura*. São Paulo: Fundação Memorial da América Latina, 1994, v. 2, p. 665-702.
- ROSA, J. G. *Grande sertão: veredas*. 12. ed. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1978.

O sertão-mundo de Guimarães Rosa
The world-sertão of Guimarães Rosa

RESUMO

O artigo tem por objetivo examinar a rotulação da obra de Guimarães Rosa como regionalista e rediscutir a pertinência dessa caracterização, considerando que o grande sertão rosiano contém um complexo de elementos fundamentais que perpassam historicamente as relações humanas e sociais do país e, ao mesmo tempo, reflete sobre questões de caráter universal. Para tanto, analisamos como o termo ou noção de regionalismo,

cunhada no século XIX, sobreviveu ao tempo e passou a qualificar autores e obras de diferentes locais e momentos, não distinguindo produções literárias de valor estético díspar.

Palavras-chave: Sertão; regionalismo; universalismo; Guimarães Rosa; relações sociais.

ABSTRACT

Our aim in this paper is twofold: to examine the labeling of Guimarães Rosa as a regionalist author and to discuss the pertinence of this characterization. We take into account that the sertão of Guimarães Rosa includes a wide range of fundamental elements that are part of the human and social relations of the country and, at the same time, reflects universal questions. We pursue this aim by analyzing how the expression “regionalism”, forged in the 19th century, survived over time and was used to characterize authors and works from different places and periods, without differentiating literary works with unequal aesthetic value.

Recebido: 10/05/2009

Aprovado: 11/06/2009



LEONEL, Maria Célia & SEGATTO, José Antônio. O sertão-mundo de Guimarães Rosa. *Léguas & meia: Revista de literatura e diversidade cultural*. Feira de Santana, UEFS, v. 7, nº 5, 2009, p. 136-145.

Maria Célia Leonel é graduada em Letras (Fundação Dom Aguirre, 1968), tem mestrado em Literatura Brasileira (USP, 1976) e doutorado (USP, 1985). É livre-docente (1998) e professor titular (2007) da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho. Tem experiência na área de Letras, com ênfase em Literatura Brasileira, pesquisando, principalmente, o modernismo brasileiro. Publicou vários artigos, capítulos de livros, e organizou diversos livros de coletâneas de artigos.

José Antônio Segatto é graduado em História (USP, 1978), com doutorado em História Econômica (USP, 1993) e Livre-Docência pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (1999). É professor Titular da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho. Tem experiência na área de Sociologia, com ênfase em Sociologia do Desenvolvimento, atuando principalmente nos seguintes temas: democracia, cidadania, literatura, política, socialismo, revolução e classes sociais. Publicou diversos artigos, capítulos de livros, e organizou diversos livros de coletâneas de artigos.